

... Cadernos :: edição: 2005 - Nº 27 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

A formação do indivíduo com deficiência pela educação e pelo trabalho

Valdelúcia Alves da Costa

**Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita.
(Theodor Adorno)**

Neste texto a educação e o trabalho são analisados como constituintes da formação do indivíduo com deficiência, considerando a indústria cultural, a cultura da pseudoformação, e o fato de que, a educação na sociedade contemporânea vem se reproduzindo com base em modelos que visam predominantemente à adaptação, não se voltando à auto-reflexão crítica para a emancipação dos indivíduos deficientes e não deficientes.

Palavras-chave: Formação. Educação. Trabalho. Deficiência.

Introdução

As preocupações presentes na origem deste texto surgiram em decorrência da necessidade de repensar a relação entre trabalho, educação, adaptação e indivíduo com deficiência, partindo-se do pressuposto que a participação social ocorre, em nossa época, predominantemente e contraditoriamente pelo trabalho, e que a deficiência por si só não exclui (ou não deveria excluir) os indivíduos das oportunidades disponíveis nas diferentes instâncias sociais.

Na sociedade contemporânea, a formação - tanto pelo trabalho, quanto pela educação - visa, predominantemente, à adaptação e não à emancipação. É inquestionável que a adaptação é fundamental e aparece na tendência de os indivíduos serem aceitos socialmente ou, então, no esforço suplementar para que ocorra essa aceitação. Mas, quando a adaptação à sociedade que dificulta a inclusão dos deficientes, ocupa o lugar central na formação do indivíduo com deficiência, essa é restringida, como afirma Adorno (1995a, p.143-144):

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nesses termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela.

Como professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, venho desenvolvendo estudos, desde o início dos anos 90, acerca do significado do trabalho na vida de indivíduos com deficiência mental, física, visual e auditiva em escolas e empresas públicas matriculados em programas educacionais de preparação para o trabalho e inseridos em postos de trabalho nas cidades de Niterói e Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.

Pude observar nesses programas o treinamento de habilidades manuais supostamente exigidas pelo mercado de trabalho, sem a preocupação com outros aspectos da formação dos jovens, além daqueles que enfatizam a adaptação, como os voltados para o desenvolvimento da sensibilidade com vistas à sua emancipação, considerando-se que esses podem ser felizes independentemente do trabalho. Nesses estudos, foi possível concluir que o trabalho se configura contraditoriamente como determinante para a aceitação e integração dos indivíduos com deficiência na sociedade contemporânea.

Portanto, neste texto analiso o trabalho à luz do padrão dominante de desenvolvimento que tem apontado para determinadas tendências, como o processo de globalização econômica, política e cultural, na perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, procurando identificar suas contradições no mundo contemporâneo, face à sua superação, ou não, como fundamental para a inserção social, e como parte constituinte da vida do trabalhador com deficiência.

Também discuto acerca da relação entre subjetividade, educação, trabalho e deficiência, bem como o trabalho pensado como parte constituinte do tornar-se indivíduo, contribuindo para pensar sobre a formação das pessoas com deficiência, e para que a escola não continue lidando apenas com a visão do jovem ideal, e nem a sociedade com a concepção de homogeneidade, contrária à diversidade, essa configurada como componente necessário para a concepção e o exercício da democracia, considerando-se que os homens apresentam atributos e conhecimentos diferenciados que devem ser admitidos e aceitos em favor de sua desejada humanização.

Formação do indivíduo: a indústria cultural e a cultura da pseudoformação

É bastante conhecida e instigante a afirmação de Horkheimer & Adorno (1985) de que a indústria cultural se propõe a "(...) ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia (...)." (p. 123).

A pseudocultura, apesar de toda a ilustração e informação difundidas, propõe-se a ocupar o mais plenamente possível o tempo livre dos indivíduos, fazendo-os consumir seus produtos culturais, integrando-os ao mundo encantado das aparências, procurando eliminar de sua consciência os resquícios de espanto e resistência e, que de acordo com Adorno (1995b, p.77), "Sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa".

E, mais, segundo o referido autor é descabida a pergunta acerca do que as pessoas farão com o seu tempo livre disponível, pois o fato de que "(...) efetivamente as pessoas só consigam fazer tão pouco de seu tempo livre se deve a que, de antemão, já lhes foi amputado o que poderia tornar prazeroso o tempo livre" (p.77). Por outro lado, não obstante a onipresença do espírito alienado no preenchimento do tempo livre, Adorno admite a possibilidade de o indivíduo reaproveitá-lo a serviço de seus interesses.

Com o objetivo de verificar como a indústria cultural "(...) tornou-se totalmente fenômeno do sempre-igual, do qual promete afastar temporariamente as pessoas (...)" (p.80), Adorno realizou um estudo consagrado a esse problema no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, na Alemanha.

O estudo refere-se ao casamento da princesa Beatriz, da Holanda e teve por objetivo verificar a reação da população alemã frente ao acontecimento, comprovando o fato de as pessoas aceitarem e consumirem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre "(...), mas com um tipo de reserva, de forma semelhante à maneira como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro e pelo cinema". E mais, esse fato tornou evidente "(...) que ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre" (p.81).

Portanto, Adorno (1995b, pp.81-82) admite a possibilidade de o trabalhador não se deixar integrar totalmente pelo sistema, podendo resistir, afirmando sua consciência, destacando que:

Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistirem à apreensão total. Isso coincidiria com o prognóstico social, segundo o qual, uma sociedade, cujas contradições fundamentais permanecem inalteradas, também não poderia ser totalmente integrada pela consciência. A coisa não funciona assim tão sem dificuldades, e menos no tempo livre, que, sem dúvida, envolve as pessoas, mas, segundo seu próprio conceito, não pode envolvê-las completamente sem que isso fosse demasiado para elas. Renuncio a esboçar as conseqüências disso (...).

Vislumbra-se, assim, a possibilidade da resistência e do esclarecimento, pois "(...) o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores", como ressaltam Horkheimer & Adorno (1985, p.19). Embora, face à indústria cultural que, para Horkheimer & Adorno (1985, p.156):

(...) assumiu a herança civilizatória da democracia de pioneiros e empresários (...). Todos são livres para dançar e para se divertir (...). Mas, a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. (...) As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias, que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.

Portanto, a possibilidade de liberdade encontra-se impedida sob o domínio das mercadorias da indústria cultural, exigindo pensar-se na formação do indivíduo com deficiência voltada para a resistência mediante a crítica à cultura, com destaque para o trabalho ainda mantido como categoria central na vida humana no atual estágio civilizatório.

Adorno (1995b), ao referir-se à crítica ao trabalho e à sua superação pelos homens, assinala aspectos importantes:

1) O tempo livre deveria se opor ao tempo preenchido pelo trabalho, não como antítese, mas como possibilidade para a reflexão e o desenvolvimento do indivíduo trabalhador. Antes de tudo, o tempo para o trabalhador usufruir seus momentos vitais conforme seus desejos, interesses e necessidades, em atividades que lhe proporcionassem prazer, crescimento espiritual, conhecimentos novos, gosto pela vida. Porém, "O tempo livre é acorrentado ao seu oposto" (p. 70).

Na realidade social burguesa, a totalidade dos trabalhadores não dispõe de tempo, nem de liberdade para escolher e organizar seu trabalho. E o tempo livre que, na perspectiva adorniana, deveria ser considerado como reserva da vida imediata em um sistema global absolutamente mediatizado, como o contrário de toda coisificação, por contradição acaba se codificando também e se transformando em mercadoria como a própria força de trabalho (embora distinta dessa), sendo utilizado pela indústria cultural com o intuito de mecanizá-lo de tal forma que se torna um prolongamento do trabalho, pois no tempo livre "(...) prolongam-se as formas de vida social organizada segundo o regime do lucro" (p.73).

2) O tempo livre, portanto, prolonga o trabalho, apresentando-se como sua projeção direta. Adorno já havia afirmado que a diversão acaba se transformando no prolongamento do trabalho: o trabalhador a procura para escapar do trabalho mecanizado, para estar novamente em condições de enfrentá-lo e mais, "(...) o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia desse". No tempo livre "(...) se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma" (p. 71).

Horkheimer & Adorno (1985, p.128) afirmam, em suma, que "Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio", tornando impossível o acesso à liberdade, à formação pela via do trabalho, pois "(...) o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e impotência".

Então, afinal de contas, se o tempo livre é preenchido pela indústria cultural, como ele pode contribuir para a complementação do desenvolvimento do indivíduo com deficiência? Para sua liberdade? Para sua formação? Conforme Adorno (1995b, p.79), o "Tempo livre produtivo só seria possível para pessoas emancipadas, não para aquelas que, sob a heteronomia, tornaram-se heterônomas também para si próprias".

Dessa maneira, o desemprego estrutural presente na sociedade tecnológica contemporânea, que atinge a maioria dos indivíduos, faz com que o tempo livre seja atrelado ao trabalho, ou seja, "Em um sistema, no qual o pleno emprego tornou-se um ideal em si mesmo, o tempo livre segue diretamente o trabalho como sua sombra" (p.79).

A indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas em larga medida, determina o próprio consumo. Interessada nos homens apenas como consumidores ou empregados, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, e cada um de seus elementos, às condições representativas de seus interesses.

A indústria cultural contém elementos que fazem parte do mundo industrial moderno, exercendo sobre ele uma função ideológica que dá sentido ao sistema. A indústria cultural falsifica as relações entre os homens e as relações dos homens com a natureza, resultando em uma espécie de antiiluminismo.

Considerando-se, conforme Horkheimer & Adorno (1985), que o Iluminismo tem como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito e admitindo-se essa finalidade poder ser atingida por meio da ciência e da tecnologia, tudo levaria a pensar que o Iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência e sobre a técnica.

Mas, ao invés disso, liberto do medo mágico, o homem tornou-se vítima de novo engodo - o progresso da dominação técnica. Esse progresso transformou-se em poderoso instrumento utilizado pela indústria cultural para conter o desenvolvimento da consciência das massas.

A mecanização conquistou tamanho poder sobre o homem durante o tempo livre e sobre sua felicidade, determinando tão completamente a fabricação dos produtos para o entretenimento, que o homem não tem acesso senão a cópias e reproduções do próprio trabalho. O suposto conteúdo não é nada além de uma pálida fachada, isso é, realmente lhe é dada a sucessão automática de operações reguladas. Dessa maneira, só é possível escapar do trabalho ajustando-se a ele no tempo livre.

A indústria cultural, ao tolher a consciência das massas, cria condições cada vez mais favoráveis para a implantação do seu comércio fraudulento, no qual os consumidores são continuamente enganados em relação ao prometido, mas não cumprido.

Por outro lado, criando necessidades no consumidor (esse deve contentar-se com o oferecido), a indústria cultural organiza-se para que ele compreenda sua condição de mero consumidor, ou seja, como apenas e tão somente um objeto daquela indústria. Desse modo, instaura-se a dominação ideológica.

Nesse sentido, o universo social, além de configurar-se como um universo de coisas, um mundo de gelidez burguesa, constituiria um espaço hermeticamente fechado, transformando os homens em mercadorias supérfluas ou, como afirmam Horkheimer & Adorno (1985, p.190), "Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade".

no mundo social burgues geúdo, varias das tentativas de liberação e libertação dos homens estão condenadas ao fracasso e a formação sob a indústria cultural é, conseqüentemente, deformação e não há como formar o indivíduo, deficiente e não deficiente, a não ser para a resistência pela crítica reflexiva constante.

Contudo, Adorno (1995a, p.136) não desemboca em uma visão pessimista, procurando mesmo "(...) mostrar as possibilidades concretas da resistência (...)" do homem e mais, Horkheimer (1980, p.155) destaca que "A Teoria Crítica da Sociedade (...) tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida". É possível, pois, identificar uma situação a ser superada e cabe aos homens protestar contra a aceitação resignada da ordem totalitária burguesa, e para Horkheimer & Adorno (1978) é possível admitir a possibilidade de tornar-se indivíduo.

Segundo Horkheimer & Adorno (1978, p.48), a definição do homem como indivíduo implica que:

(...) no âmbito das condições sociais em que vive e antes de ter consciência de si, o homem deve sempre representar determinados papéis como semelhante de outros. Em conseqüência desses papéis e em relação com os seus semelhantes, ele é o que é: filho de uma mãe, aluno de um professor, membro de uma tribo, praticante de uma profissão. Assim, essas relações não são para ele, algo extrínseco, mas relações em que se determina a seu próprio respeito, como filho, aluno ou o que for. Quem quisesse prescindir desse caráter funcional da pessoa, para procurar em cada um o seu significado único e absoluto, não conseguiria chegar ao indivíduo puro, em sua singularidade indefinível, mas apenas a um ponto de referência sumamente abstrato que, por seu turno, adquiriria significado em relação ao contexto social entendido como princípio abstrato da unidade da sociedade.

O indivíduo, para a Teoria Crítica da Sociedade, é um ser social e só se define em sua correlação vital com outras pessoas, constituindo, sem dúvida, o seu caráter social. Para os referidos autores, a vida do indivíduo só adquire sentido nessa correlação e em condições especiais e mais, só em relação ao contexto a máscara social do personagem é, também, um indivíduo.

A relação entre indivíduo e sociedade é inseparável da relação com a natureza e a constelação entre essas três categorias tem, conforme Horkheimer & Adorno (1978, p.49):

Um caráter dinâmico, e a ciência da sociedade não pode conformar-se em observar a sua interação perpetuadora, cabendo-lhe averiguar, outrossim, a que leis obedece tal interação, a fim de determinar as figuras variáveis que, em sua dinâmica histórica, o indivíduo, a sociedade e a natureza vão adotando.

A questão do resgate da formação cultural está destacada nos textos nos quais Adorno (1978, 1995b, 1996) critica a indústria cultural e a pseudocultura. Para Adorno, a pseudoformação é concomitante à indústria cultural e por essa é fortalecida.

Adorno (1996, p.388) questiona o entendimento da crise da formação cultural como mero objeto da pedagogia, enfatizando a dimensão ampliada assumida pela pseudoformação, ou seja, a onipresença do espírito alienado. Entende-se pseudoformação como dominação ideológica com base no desejo de posse constantemente renovado pelo progresso técnico e científico e, sabidamente, controlado pela indústria cultural ao impor necessidades para serem consumidas sob o poder do capital, promovendo a adaptação dos indivíduos e inviabilizando a formação sob a égide do capital.

Adorno aponta para a necessidade de se elaborar uma teoria abrangente, envolvendo o diagnóstico da situação cultural contemporânea e seus elementos negativos.

Adorno (1996) constata historicamente que a burguesia, quando conquistou o poder, no século XVII, na Inglaterra e no século XVIII na França, encontrava-se mais desenvolvida econômica e culturalmente em relação aos senhores feudais e a formação cultural, elaborada em meio às contradições sociais desde o século XVIII, deu condições à nova classe de não apenas se emancipar como classe dominante, mas, também, de se afirmar como classe hegemônica e ser capaz de desempenhar suas tarefas econômicas e administrativas. O referido autor destaca: "Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, gerente ou funcionário" (p. 392).

O proletariado inicial, negação da classe burguesa no poder, era originário dos camponeses sem propriedade, dos pequenos comerciantes e artesãos, portanto, com formação social pré-burguesa. Não dispunha do poder econômico e nem da formação cultural suficiente para se estruturar como classe e fazer frente à burguesia. Era "(...) socialmente extraterritorial, objeto das relações de produção e só sujeito como produtor." (p. 393).

Dessa forma, para Adorno (1996, p. 397), a desumanização, desencadeada pelo sistema burguês de produção, retirou dos indivíduos as possibilidades para a sua formação e, o mais importante, não lhe deu a possibilidade do ócio, quando "(...) a formação tem como condições a autonomia e a liberdade".

Conseqüentemente, o tempo livre deveria se contrapor ao trabalho, não como exclusão, mas como

complementação de seu desenvolvimento. Sobretudo, o tempo para o indivíduo reorganizar sua vida, suas experiências, com base em seus interesses e em atividades prazerosas voltadas para seu desenvolvimento humano, ou seja, momentos integrais de sua existência humana, como destacado por Adorno (1995b).

No entanto, a burguesia, por meio da impotência econômica e da exclusão do ócio, manteve por muito tempo o proletariado pobre e ignorante. E, quando os trabalhadores, após muitas lutas e revoltas, conseguiram diminuir progressivamente a jornada de trabalho, melhorar o salário e as condições de vida, a burguesia continuou o processo de expulsão desses da cultura, mediante a pseudocultura, ou seja, a substituição da formação pela pseudoformação.

Dessa maneira, a burguesia continuou negando ao trabalhador o acesso à formação cultural e, em seu lugar, possibilitou a falsificação da formação. O tempo livre, agora aparentemente liberado, como uma reserva espiritual e experiencial, transformou-se em prolongamento do trabalho, fazendo a realidade caminhar em direção contrária ao seu próprio conceito, sendo preenchido pela indústria cultural. Porém, Adorno (1995b, p.82) "(...) vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre se transforme em liberdade", para todos os indivíduos, deficientes e não deficientes.

Finalizo reafirmando meu desejo de ter contribuído com elementos para a reflexão acerca da formação pela educação e pelo trabalho, dos impedimentos para a emancipação dos indivíduos com deficiência (e indivíduos não deficientes) na sociedade contemporânea, e tomara que a emancipação vislumbrada por Adorno para os homens, possa, efetivamente, se afirmar como liberdade. Liberdade essa requerida por todos os homens para que possam se diferenciar como indivíduos conscientes e felizes, mesmo considerando-se os limites sociais impostos historicamente aos indivíduos deficientes.

Referências

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. Educação & Sociedade. São Paulo: ano XVII, n. 56, p. 388-410, dez. 1996.

_____. Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

_____. Palavras e sinais: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ADORNO, Theodor W. et al. Teoria da cultura de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: BENJAMIN et al. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 117-161. (Os Pensadores).

HORKHEIMER, Max, ADORNO, T. W. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. Temas básicos da Sociologia. São Paulo: Cultrix, 1985.

Correspondência

Valdelúcia Alves da Costa - Universidade Federal Fluminense/UFF.

E-mail: valdelucia2001@uol.com.br

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2005 - Nº 27 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**